

DALCÍDIO JURANDIR

AS ESFINGES DA CIDADE: MULHERES EM BELÉM DO GRÃO PARÁ, DE
DALCÍDIO JURANDIR
MARCUS VINNICIUS C. LEITE.



O presente trabalho pretende ser um ensaio sobre a percepção das imagens da cidade, no caso, Belém transmutada pela escrita de Dalcídio Jurandir. A nossa leitura enfocará as personagens femininas em Belém do Grão Pará (1960), em quanto produtoras de enigmas sobre o poder, a sedução e o trabalho. São as esfinges do “mundo da cidade”.

Em 1996, Amarílis Tupiassu, falando sobre o feminino em *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir, comenta que a crueza poética do escritor paraense atinge, por vezes, “tonalidade da mais angustiada estranheza” (Tupiassu, 1997, pág. 44). Diríamos que, alguns momentos, Dalcídio Jurandir produz “inquietantes estranhezas”. Identificamos essas sensações de estranheza na performance de três personagens de Belém do Grão Pará: D. Inácia Alcântara, Libânia, “a criada” dos Alcântaras e a Mãe Ciana.

É nas suas estranhezas que devemos aplicar nosso aparelho de leitura, para produzirmos as imagens da cidade, as quais não estão de pronto dadas; requerem construção. Estas personagens femininas são um dos pólos de uma tensão que possui na sua outra extremidade as personagens masculinas: Seu Virgílio Alcântara, marido de D. Inácia, o jovem Alfredo e o Seu Lício, companheiro de Mãe Ciana. Elas se apresentam aos homens como esfinges propondo-lhes enigmas. Estes dizem respeito ao “mundo da cidade”.

As esfinges personagens são possuidoras do elemento estranho (unheimliche) – pode ser traduzido, também, por “inquietantes estranheza” (veja Chaves. 1997-pág.30, nº 3) - que nas palavras Sigmundo Freud (1976,pág.277), “é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar”. O termo é ambivalente, como as nossas personagens, possuindo tanto um aspecto familiar e agradável quanto o que está oculto, fora da vista do pensamento abstrato.

É sabido que as esfinges são monstros imaginários com busto e rosto de mulher e corpo de animal. Portanto, são seres “desfigurados” que se apresentam com deformação. Exigem serem decifrados. Na Grécia antiga, elas seriam crueis criaturas ávidas por sangue e prazeres eróticos. Tinham as características de propor cantando enigmas e encantando os belos jovens - proponham, também, provas iniciáticas a eles. A mais conhecida das esfinges é a de Tebas da tragédia Édipo Rei de Sófocles. Nas antigas concepções míticas, elas teriam nascido na profundidade de Geia ou do inconsciente - segundo Brandão (1991,v.1, pág.385). A aproximação entre as esfinges e aqueles elementos da psicanálise deve ser entendida como recurso heurístico que possibilita a construção do médium de exposição do “mundo da cidade” - não objetivamos uma interpretação psicanalítica, mas uma leitura alegórica.

A esfinge – Inácia é uma fisiognomista do caráter dos homens, principalmente da política, havia feito este aprendizado dentro de casa e fora, nas suas lidas com a liga feminina lemistista, onde aprendeu a interpretar o sentimento da canalha dos políticos “tamanduais” e “vira-casacas”. Para a canalha reservava ódio e ressentimento, que tinha dado o golpe mortal ao Senador Antonio Lemos e com ele acabavam para ela os dias de glória, de festas e de poder.

O herói político desta pispiscada mulher era Antônio Lemos, maranhense e republicano “adesista” que se elege à Constituição Estadual pelo Partido Republicano do Pará (PRP). Valeram-lhe dois importantes instrumentos na sua carreira política: a posição de Secretário da Comissão Executiva do PRP desde 1891 e a condição de proprietário do Jornal A Província do Pará. Elas lhe serviram para tecer uma intrincada rede de favores, compromissos e lealdades dos membros do partido, especialmente no interior do Estado. Constituída essa “máquina de mando”, foi possível a ele galgar o posto de Intendente de Belém em 1897 e se manter no poder durante quinze anos (Rocque, 1996).

Nesse tempo se desenrolam as andanças políticas dos Alcântaras. Seu Virgílio, marido de D. Inácia, esta às voltas com a administração do Mercado de São Brás, um cargo de favor recebido pela intermediação da astuta D. Inácia. Moradores da casa da Avenida 22 de Junho (atual Alcindo Cancela) viviam no “bem-bom”, quando o Mercado se encontrava na dispensa da casa e nem pensavam num rebaixamento morar na Gentil nº 160.

O leimismo foi derrotado. O primeiro ato foi a queima da sede da Província do Pará. O segundo ato foi o assalto à residência de Lemos, quando “tudo comem e tudo roubam”. D. Inácia entende que queriam o monopólio das latas de lixo. “E dentro da lata de lixo lá se foi o Senador” (Jurandir, 1960-pág.12). “ E lá se vão os Alcântaras para uma das três casas iguais a do meio, de porta e duas janelas nº 160, salvos de cair numa palhoça dos Covões, o fim dos lemistista de cabo a rabo”.

Neste novo endereço há “60 mil réis de aluguel e mais seis de taxa d’água, e sem platibanda, meia vidraça, persianas, passeio ralo na frente e algum carapaná”.(BGP-pág.5) -conta o narrador. Nela podiam se dar por felizes, apesar do sentimento de “ostracismo” de D. Inácia. Ainda podiam ver bonde passar e o Seu Virgílio ficava satisfeito por seu espírito precavido que lhe rendeu um “empreguinho” na Alfândega, no momento da queda do leimismo.

Nesse momento de “vacas magras” aparece a “gordura”. Vem do Marajó para o nº 160, “o pirralho” Alfredo, com a idéia de estudar na cidade. Seu Virgílio e D. Inácia entram em discussão sobre os méritos de receber o menino, oportunidade para se falar e rememorar o tempo do leimismo, o “tempo do champanhe escorrendo pelos babados, ensopando mangas dos fraques” e que se tinha o “Mercado de São Brás dentro da dispensa da 28 de Junho” - fala D. Inácia “BGP-PÁ.6).

Enquanto Seu Virgílio olhava, do seu trabalho da Alfândega, os cais esvaziados, barcos secos e armazéns fechados, D. Inácia rememorava a cidade do Fausto, no apogeu da

DALCÍDIO JURANDIR

economia da borracha, na qual o senador Lemos mantinha sua corte. Ela a comparava às cortes de Lourenço, o Magnífico. Repetia a exclamação comum no palácio: “este Guajará é o Adriático, o senador é o Doge” (BGP-pág.19). Sabemos como é comum uma época citar outra para legitimar-se. “A Revolução Francesa se via como uma Roma revivida” (Benjamin,1987-pág.230-trad.mod). A oligarquia lemista tinha a sensação de que “Veneza poderia de súbito, boiar com seu Adriático nas águas do Guajará” (BGP-pág 19). D. Inácia via-se como uma dama veneziana aos pés do condortiere. “O mundo da cidade se travestia na sua imaginação fáustica.



Seu Virgílio não foi tomado pelas vertigens do leimismo. Preferia ficar sozinho esperando a mulher voltar de Veneza. Precavido, achava que aquilo não ia durar para sempre. Por isso, pediu aquele empreguinho que lhe rendeu um “sorriso de escárnio” da mulher. Contudo, foi este que os manteve na cidade, que agora “exibia sinais daquele desabamento de preços e fortunas” (BGP-pág.18).

II

Um dia, Alfredo adentra à casa dos Alcântaras enfeitando o peito com um “quadro de honra”, era o aluno laureado do mês do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Ganhou o respeito de todos, desde D. Inácia a Libânia. Esta chamou-o para almoçar. A “cria” dos Alcântaras aparecia a Alfredo como uma “índia”, cheirava a pupunha, à lenha de “maraximbé”, à água fervendo, à rua, ao jogo do bicho e ao sol - cheiros de suas atividades na casa dos Alcântaras. Por conta de uma “formiguinha” nas costas da empregada. Alfredo toca na moça para livrá-la do inseto. Sentindo, ainda, o toque de sua pele e seus dedos, ele toma ciência do seu encanto e “comia - e - não comia”. Enquanto, ela” lavando a louça, cantava que (en)cantava!” (BGP-pág.65), como uma sedutora esfinge.

A mando de Emília, filha dos Alcântara, Libânia sai e leva consigo o “quadro de honra” (Alfredo). Sem lhe contar nada o levou ao Largo da Pólvora (atual Praça da República). Pelas mãos da índia, Alfredo transporta-se para um panorama. “Alfredo reconhece velhas fotografias de sua intimidade” (BGP-pág.65). Através do apresentar das imagens do panorama diante de si com o Teatro da Paz, o Grande Hotel, a Estátua da República, o Cine Olímpia e etc, o menino do Marajó “rememora” o tempo de Cachoeira, quando folheava as estampas do Álbum Comemorativo do Centenário de Belém com a mãe, D. Amélia. Após passar pela “grande mágoa” de D. Inácia, a ruína do edifício d’A Província do Pará, dirigem-se para o Ver-O-Peso.

O Ver-O-Peso é o espaço da encantaria, o ambiente da esfinge - Libânia. Antes de adentrar diretamente nele, a “cria” dos Alcântaras leva o “quadro de honra” através do Largo do Palácio (Praça D. Pedro II) até A Igreja de Santo Alexandre. Ao se defrontar com aquele monumento, o menino tem um vago arrepio “a igreja apareceu feita de uma pedra só” (BGP_pág.68). E nela está “encantada” uma menina, “seca-seca, por ter levantado uma vassoura contra a mãe” - conta Libânia (BGP-pag.68). Retornam ao Ver-O-Peso.

DALCÍDIO JURANDIR



A maré de março visitava o Mercado de Ferro, os bondes navegavam a cidade. As canoas “parecem prontas a velejar cidade adentro” (BGP_pag.68). Os barcos no porto com suas velas cor de telhas cobriam o Ver-O-Peso com “um telhado de velas” (BGP-pág.69). Libânia observava as bilhas (pequenos potes de barro), queimados como sua face, sendo descarregadas. Ela aponta uma que tinha o “seu nome gravado em letras verdes” (BGP_pág.69). Contudo, um militar do 26 B.C. a compra e se larga no bonde do Marco da Légua. Ela nem teve tempo de dizer: “Ô seu praça passe pra cá a bilha, que a Libânia sou eu”, pois o perdeu. Restando-lhe dizer: “lá se foi eu” (BGP_Pag.69).

A esfinge - Libânia é uma bilha, uma identificação totêmica (metafórica). Ao se transmutar em bilha, assemelha-se a uma vasilha, cheia de experiências. Para decifrar esta metamorfose, façamos um jogo anagramático com o seu nome. Extraímos de Libânia o verbo libar, que sorver, experimentar e gozar e o substantivo libação que significa tanto beber, mas por prazer que por necessidade, como promover o ritual de oferenda líquida às divindades (novo dicionário Aurélio,1985-pág.835). Ela era “bebida” pelos olhos do desejo dos canoieiros. Ela flanava “entre aqueles atrevimentos, ditos assobios, velas, maré, coisas de barro. Copos de cana erguidos a sua passagem” (BGP-pag,70). Trazia consigo, por onde passava, “os desejos dos homens” (BGP_pag.71).

Aos olhos do menino Alfredo, Libânia - bilha é a fonte iniciática de seu conhecimento sobre a cidade, de uma experiência erótica do “mundo da cidade”, através dessa flânerie iniciática. “Nunca tão de perto vira homens assim em torno de uma mulher” - pensa Alfredo, descobrindo em Libânia uma mulher (BGP_71). Contudo, o narrador não deixa que nos iludamos quanto a essa imagem herótica de Libânia. Ela, no domingo, retornava ao Ver-O-Peso e trazia “às costas o saco de açaí, comprado pelo Seu Alcântara”. Enquanto este voltava de bonde, ela “seguia o mesmo itinerário a pé, descalça, açaí às costas marcadas, doídas de caroço de açaí” (BGP_pag.72). A imagem mítica é quebrada pela imagem de exploração.

III

A esfinge - Ciana está envolvida em cheiros, alcançada pelo tempo e acalentada pelo calor do ferro de passar roupa, seu “vício”. Os cheiros de suas ervas, dos temperos, do “suamento do trabalho” que impregnava as “Rocinhas”. Essas imagens dominam a cena do “mundo da cidade”, o mundo subterrâneo percebido pelo sentido do olfato, uma das sensações dita menos nobre.

Mãe Ciana sabe passar roupa, com seu velho ferro a carvão havia realizado magicamente a sua arte de fazer mil engomações de roupa branca. Desde a mocidade aprendera a salivar o dedo para aprovar a quentura. Em cada paletó e uniforme que passava imaginava seu companheiro Lício a vesti-los em palácio ou num navio de guerra. Contudo, a imagem de desejo de Ciana era contraposta à postura errante do

DALCÍDIO JURANDIR

companheiro que preferia deixa-la nos suarentos serviços a abrir mão de sua boêmia no Porto do Sal.



Hoje, dia da transladação da santa, ele a deixa para se entocar pela Cidade Velha. Mãe Ciana de chale, sai ao encontro da santa, mas é a noite que a encontra “ muito sozinha dentro daquele desassossego de gente na esquina da 14 de Março, esperando a Santa sair da capela do Instituto (Gentil Bittencourt)” (BGP-pag 321). Na transladação, Ciana se transporta para a “Rocinha” - quase grudada ao “Colégio das Moças”. Ali, na “Casa Grande” , ela entrava com seus cheiros para vender às senhoras “brancas”. Ela nunca sentava nas cadeiras da varanda. Dirigia-se à cozinha para haver com sua gente de “raça”, “batendo língua em torno dos que-fazeres de fogão, pia e ferro” (BGP_pag.321).

Enquanto, na varanda, a escolher os seus cheiros, as senhoras em suas cadeiras de embalo, se embalavam aborrecidas. Um “aborrecimento de não ter do que se aborrecer” (BGP-pág 321). Lembrando a fala de Lício, Ciana, houve o deciframento daquela Rocinha: “a massa daquela construção? Cheirassem bem, debaixo da pintura, do mosaico e azulejo, logo se sentia a catinga dos pretos, a inhaca dos vaqueiros, suamento do trabalho que faz o mundo” (BGP-pag.322).

Mas a imagem da santa passa e Mãe Ciana segue descalça na noite de transladação. Ao chegar ao seu ponto, a Sé, a esfinge Ciana via “o tempo velho chegar” (proto-história) e a Cidade Velha cobria-se de visões: nascia-se aqueles igarapés em que os índios andavam e cabanos viam. Para dentro da Sé, vinham os pagés do Salgado, as marujadas de Portugal, os negros do Mazagão e tantos outros. Todos eles guardam a imagem, “falando suas tantas reclamações seus ais” (BGP-PAG 327). E o Cobra Norato debaixo da Sé, a Mãe Ciana escutava seu sono.

Enfim, a percepção de uma cidade pelos seus moradores está muitas vezes condicionada à sua maneira de se relacionar com o seu tecido, como também ao enquadramento de sua classe de origem. O romance Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir, entretece um enredo sobre a capital do Pará nas suas fissuras pós-economia da borracha, através deste condicionamento que salta aos olhos a partir da força das personagens femininas da narrativa. A representação desse gênero na sua obra sempre foi de grande riqueza, seja de tensão emocional, seja de “estetoscópio” social. A apresentação das imagens do “mundo da cidade”, por meio do fio condutor das esfinges-personagens do romance em estudo, permite construir uma experiência com a cidade de Belém. Como diz Renato Mezan, (1986-pág.418): a imagem “emerge na e pela obra (literária), e que somente a decifração desta permite ao analista (intérprete) reconstruir aquela”. Extrair, decifrar ou construir as imagens foi a meta deste ensaio. Configurou-se a percepção da política da classe média belenense no início do século XX, com sua prática de “sangue suga” do Estado. Expõe-se a visão erótica e sensorial da labuta das classes subalternas na cidade.

Marcus Vinnicius C. Leite – Mestre em Planejamento do Desenvolvimento no NAEA-UFPA. Professor de Comunicação Social da Universidade da Amazônia-UNAMA. Publicou Cenas da Vida Amazônica. Ensaio sobre a narrativa de Inglês de Souza (Belém, Unama 2002).

DALCÍDIO JURANDIR

